



É PRECISO...

Escutar o silêncio das palavras
e descondicionar o olhar!

Nilda Stecanela
Isadora Alves Roncarelli
(ORGANIZADORAS)

CONSELHO EDITORIAL

Ivanio Dickmann - Brasil

Aline Mendonça dos Santos - Brasil

Fausto Franco Martinez - Espanha

Jorge Alejandro Santos – Argentina

Martinho Condini - Brasil

Miguel Escobar Guerrero - México

Carla Luciane Blum Vestena - Brasil

Ivo Dickmann - Brasil

José Eustáquio Romão - Brasil

Enise Barth - Brasil

EXPEDIENTE

Editor Chefe: Ivanio Dickmann

Diagramação: Gabriel Bergmann Borges Vieira

E101 É preciso... escutar o silêncio das palavras e descondicionar o olhar / Nilda Stecanela, Isadora Alves Roncarelli (Organizadoras). – Veranópolis: Diálogo Freiriano, 2023. (Coleção Práticas de Pesquisa, v. 2)

ISBN 978-65-80183-70-8

1. Pesquisadores. 2. Pesquisa qualitativa. 3. Pesquisa educacional. I. Stecanela, Nilda. II. Roncarelli, Isadora Alves. III. Série.

2023_0261

CDD 370.7 – (Edição 23)

Ficha catalográfica elaborada por Karina Ramos – CRB 14/1056

EDITORA DIÁLOGO FREIRIANO

[CNPJ 20.173.422/0001-76]

Rua General Flores da Cunha, 172/ 2302- Centro

CEP 95.330-000 - Veranópolis - RS

cida.dialogar@gmail.com

www.dialogofreiriano.com.br

Whatsapp: [54] 98428.3547

Fotografia da Capa Claudia Velho
Projeto Gráfico Vasto Design
Organização Nilda Stecanella
Isadora Alves Roncarelli
Autores Andréia Morés
Antonio Paulo Valim Vega
Daiana Agostini Salvador
Francisco Ailton dos Santos
Gisele Mazzarollo
Isadora Alves Roncarelli
Larissa Aparecida Bonfá Picheti
Maria de Fátima Fagherazzi Pizzoli

NOTA: A responsabilidade pelo conteúdo dos textos desta obra é dos respectivos autores e autoras, não significando a concordância dos organizadores e da instituição com as ideias publicadas.

© TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Sumário

Apresentação.....	07
--------------------------	-----------

Nilda Stecanela; Isadora Alves Roncarelli

Prefácio: As palavras e seus ecos: sensibilizando o cotidiano formativo.....	13
---	-----------

Andréia Morés

Trânsito livre nas trilhas da sensibilidade: encontros metodológicos e epistemológicos entre pedagogia e sociologia.....	19
---	-----------

Antonio Paulo Valim Vega

A aventura da descoberta ao caminhar pela Universidade	31
---	-----------

Daiana Agostini Salvador

Percepções do cotidiano sensorial no bloco E, UCS, em Caxias do Sul - Um recorte do dia 17 de outubro de 2022, 20h.....	36
--	-----------

Francisco Ailton Santos

Nos corredores.....	41
----------------------------	-----------

Gisele Mazzarollo

Educando o olhar da observação: um vaguear pelos corredores da Universidade	46
--	-----------

Isadora Alves Roncarelli

Observar para compreender e comunicar...	
.....	55
Larissa Aparecida Bonfá Picheti	
Olhar, escuta e sentimentos: abrir-se, abrir-me.....	60
Maria de Fátima Fagherazzi Pizzoli	
Referências	68
Organizadoras.....	71
Autores (as)	72

Apresentação

Era uma segunda-feira, 17 de outubro de 2022, primavera no hemisfério sul, noite de temperaturas ainda baixas, com prenúncios de inédita neve no sul do Brasil para o mês de novembro.

O espaço, era o Bloco E da Universidade de Caxias do Sul. Oito eram as pessoas engajadas nas reflexões propostas no programa de ensino do *Seminário Especial Educação e cotidiano: pressupostos teóricos e metodológicos*, disciplina que acolhe estudantes vinculados aos cursos da área de Humanidades da Universidade de Caxias do Sul, tanto da graduação como do mestrado e doutorado.

Os conteúdos da reflexão associavam-se a compreender o cotidiano para além de uma palavra naturalizada em nossos vocabulários e associada a mera rotina ou repetição. Antes disso, com base no autor central da disciplina, o sociólogo português José Machado Pais, o intuito foi considerar o cotidiano como alavanca para o conhecimento, cujas rotas entrecruzam rotina e ruptura, haja vista a lógica da descoberta que acompanha essa perspectiva metodológica.

Assim, nesse contexto, embora situada em um ambiente acadêmico frio e com pouco conforto térmico, luminoso e acústico, a sala 309 foi preparada para proporcionar uma atmosfera que despertasse a sensibilidade sensorial dos usuários que nela circulariam a partir das 19h30 até às 22h30 daquele dia. Uma estufa de quartzo foi transportada para a sala, tomada emprestada da sala de pesquisa da professora responsável pela disciplina. Um aromatizador de ambiente na fragrância lavanda foi borrifado no ar de modo a estimular o olfato. Um chá perfumado de camomila, mel e baunilha borbulhava na jarra térmica disposta sobre uma mesa improvisada com duas classes e uma toalhinha. Um som ambiente vindo da playlist Chill covers foi acionado pela caixa de som portátil providenciada pela professora. Havia também uma taça de vidro com balinhas de goma e um pote com amendoins crocantes. Um semicírculo feito com as classes permitia que cada participante da turma pudesse se ver. Sobre as classes estava uma carta de aula, uma pequena caderneta e um lápis.

Este era o conteúdo da Carta de aula daquele dia:

Caxias do Sul, 17 de outubro de 2022.

Gente querida,

Vamos movimentar um pouco nossa aula de hoje, com uma prática de pesquisa muito simples.

Estamos sublinhando em todas as aulas a importância do desenvolvimento das competências descritivas e de educação do olhar da observação nos percursos de quem se alça a transitar pelo cotidiano como alavanca para o conhecimento e perspectiva metodológica!

Assim, o convite para esta noite é o que segue.

Respire fundo, permaneça em silêncio, procure escutar os seus sons internos e também aqueles que compõem as paisagens sonoras ao seu redor. Saia da sala de aula, transite livremente pelo espaço do Bloco E ou, se quiser, se desloque para outros espaços. Abra seus canais de observação e registre informalmente as imagens ou sons que transversalizam seu olhar e sua escuta, bem como seus sentimentos em relação ao observado. Após, mais ou menos 30 minutos, retorne para a sala de aula, se debruce no bloco de notas que se encontra sobre sua classe. Registre, sem filtros, o máximo de imagens ou sons que o tempo seguinte, de 30 minutos, permitir. Leia o que você escreveu. Compartilhe com os colegas um trecho de sua escrita.

Fraternos abraços.

Professora Nilda

Tão logo adentravam na sala, os estudantes manifestavam seus canais de escuta e o que suas lentes de observação registravam. Alguns deram ênfase ao aroma da sala, outros demonstraram curiosidade para a carta e/ou caderno de notas que estava sobre as classes. Um colega trouxe pêssegos colhidos na casa de sua sogra. Aliás, ele sempre trazia alguma guloseima para compartilhar com o grupo. Todos se sentaram nas mesmas posições das aulas anteriores. Poucos ousaram ler a carta antes de a professora abrir a aula e falar sobre qual seria a proposta para a noite.

Após a leitura coletiva da Carta de Aula contendo as orientações sobre a prática de pesquisa, um a um, os estudantes foram saindo da sala e se dirigindo para algum espaço de modo a exercitarem a educação do olhar da observação.

Passados trinta minutos, pouco a pouco o grupo foi retornando à sala, alguns se serviram de chá, outros se voltaram para os registros do que haviam observado na caderneta, houve também quem optasse por fazer os seus registros no computador portátil trazido para a aula.

Mais trinta minutos para a palavra oral voltar a circular na sala, com o momento orientado para compartilhamento dos escritos, dos registros, dos sentimentos emanados da experiência.

O momento de compartilhamento iniciou com a leitura dos registros realizados pelos estudantes. Alguns marcando tempo, espaço e observações realizadas. Outros dando ênfase aos sentimentos e percepções que os atravessaram no momento de observação.

Os relatos afloraram emoções, despertaram lembranças calorosas e demonstraram a sensibilidade dos observadores do cotidiano. Houve quem atreveu-se a observar os sons, as cores, as formas da Universidade. Houve quem atentou-se nas pessoas e suas relações.

A discussão acerca das escritas mostrou a boniteza das relações humanas, do acolhimento entre os colegas, da possibilidade de aproximação entre os relatos distintos, da sensibilidade que a turma foi desenvolvendo ao longo dos encontros da disciplina.

Os desafios da escrita acadêmica ocuparam parte significativa das reflexões feitas pela turma, especialmente ao que se refere à sensibilidade para descrever o cotidiano e decifrar seus enigmas. Assim, em alusão ao livro do saudoso Mário Osório Marques – *Escrever é preciso* – o título desta obra acolhe o a chamada para a necessidade de nos encharcarmos de sensibilidades para escutar os sons das palavras, desembargar as lentes que aprisionam nosso olhar e de nos entregar à construção da sinfonia da escrita, pois, segundo Marques (2000), a escrita é o

princípio da pesquisa e a pesquisa é o princípio da aprendizagem.

Os resultados da experiência anteriormente narrada encontram-se nos textos que integram esta publicação. Mais do que uma atividade avaliativa, os conteúdos da observação aqui apresentados pelos seus autores indicam a superação de nosso olhar condicionado e de nossa escuta mutada para o que nos cerca e integra.

Nilda Stecanela e Isadora Alves Roncarelli – Organizadoras.

Prefácio

As palavras e seus ecos: sensibilizando o cotidiano formativo

Andréia Morés

É com sentimento de profunda gratidão que acolho o convite carinhoso, feito pela Professora Dra. Nilda Stecanela e pela Doutoranda Isadora Alves Roncarelli, para prefaciар a obra intitulada: **É PRECISO... ESCUTAR O SILÊNCIO DAS PALAVRAS E DESCONDICIONAR O OLHAR!** A inspiração para a escrita emerge do convite sensível, em um período cálido, de verão, com temperaturas mais elevadas em nossa região, que tem como característica períodos de intenso frio, com invernos rigorosos. Ambas as estações deixam sua beleza registrada em nosso Campus Universitário, mas o clima de verão nos permite descortinar nossas janelas para novos olhares e apreciar as cores da estação, os raios intensos de sol, escutar o movimento das folhas das árvores em dias de vento, o cantar dos pássaros e vozes de pessoas que se (re)encontram na universidade. Compartilho uma imagem da luz de um amanhecer em um lindo dia de sol, verão de 2023, no campus da universidade, ao

descortinar as vidraças da sala de pesquisa que compartilho com uma das organizadoras deste livro.



Imagem: Andréia Morés / Acervo pessoal

Em sinergia com a observação deste cotidiano e motivada pelo convite, me inspiro para a escrita deste prefácio nas escutas e diálogos reverberados no ir e vir da Sala de Pesquisa e do Observatório de Educação, localizados no terceiro andar do Bloco E, da Universidade de Caxias do Sul. Os momentos compartilhados para estudos, pesquisas, diálogos e escutas que consolidam a mobilização de saberes e fortalecem as relações formativas e investigativas no âmbito da educação proporcionam alegria e emoção de conviver neste cotidiano com a professora Dra. Nilda Stecanela, juntamente com

estudantes e orientandos da Iniciação Científica e do Programa de Pós-Graduação em Educação.

Este ambiente é composto pela singularidade de pessoas que compartilham suas trajetórias de vida, imersos no cotidiano da formação e da pesquisa, como ressalta a saudosa professora Marli André em sua escrita sobre a formação do professor pesquisador: “[...] num processo de comunicação e de trocas de experiências, defende-se a necessidade de que o aprendizado na pesquisa inclui aprender a ouvir o outro, a trocar ideias, a compartilhar.” (ANDRÉ, 2016, p. 24)

O pertencimento que vivenciamos no trabalho de pesquisa nos traz palavras que ecoam em nosso cotidiano de formação de docentes e de pesquisadores da educação e nos inspira a pensar o acolhimento, a escuta sensível, o diálogo, a reflexão no cotidiano da formação, possibilitando a partilha dos percursos formativos e de imersão nessa pesquisa que “exige uma mudança significativa no modo de pensar a organização do ensino e da aprendizagem na educação superior” (MORÉS, 2023, p. 32).

Identifico-me com o movimento da escuta e do diálogo, nos ecos das palavras, palavras escritas, palavras lidas, palavras faladas, palavras ouvidas, palavras que interligam nossas redes, que dialogam com os resultados da pesquisa, que expressam saberes inerentes aos processos de ensinar e de aprender, que

lapidam suas trajetórias de vidas no mundo das palavras. No dizer de Paulo Freire, “de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo” (2005, p. 90).

Com esse viés destacamos as contribuições freireanas para saber escutar, sendo esse um dos saberes necessários à prática educativa, como o autor o expressa: “O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário ao aluno, em uma fala com ele” (FREIRE, 2015, p. 111). O saber escutar permite escutar o outro, refletir com o outro, construir um pensamento crítico e emancipatório, sendo a escuta constituída na prática democrática do educar.

Com essa imersão na escuta e no diálogo, a presente obra nos instiga a conhecer o movimento do cotidiano apresentado por estudantes do Programa de Pós-Graduação em Educação, a partir de uma carta de aula proposta pela professora Dra. Nilda Stecanela, no Seminário Especial Educação e Cotidiano: pressupostos teóricos e metodológicos, no dia 17 de outubro de 2022.

A escrita inspira-se em estudos de Machado Pais, sociólogo português, que traz contribuições sobre o Cotidiano, que em sua essência prima por “considerar o cotidiano como alavanca para o conhecimento, cujas rotas entrecruzam rotina e ruptura” (Stecanela e Roncarelli, P. 4). Essas reflexões são acrescidas dos

estudos de Mario Osório Marques, filósofo e educador brasileiro, que em sua obra inspiradora, *ESCREVER É PRECISO*, destaca que “escrever é iniciar uma aventura que não se sabe onde nos vai levar” (MARQUES, 2008, p. 93).

Essa aventura de escrever, desbravada pelo movimento teórico e metodológico, construído por autores e autoras, nos inspira a conhecer a escrita sobre a Observação do Cotidiano e, assim, agraciados com sensibilidade, à leitura dos seguintes capítulos:

- Trânsito livre nas trilhas da sensibilidade: encontros metodológicos e epistemológicos entre pedagogia e sociologia - Antonio Paulo Valim Vega;

- A aventura da descoberta ao caminhar pela universidade - Daiana Agostini Salvador;

- Percepções do cotidiano educacional no bloco E, UCS, em Caxias do Sul: um recorte do dia 17 de outubro de 2022, às 20h - 17 de outubro de 2022 - Francisco Ailton;

- Nos corredores - Gisele Mazzarollo;

- Educando o olhar da observação: um vagar nos corredores da universidade - Isadora Alves Roncarelli;

- Observar para compreender e comunicar - Larissa Aparecida Bonfá Picheti;

- Olhar, escuta e sentimentos: abrir-se, abrir-me - Maria de Fátima Fagherazzi Pizzoli.

Nas palavras oportunas, acrescidas de estudos, observações, imagens, reflexões, escutas e diálogos, somos convidados a uma aventura sensível de leitura desta obra, que contempla o cotidiano com o olhar do pesquisador como protagonista. Um convite para você, leitor(a), descondicionar seu olhar do cotidiano!

Trânsito livre nas trilhas da sensibilidade: Encontros metodológicos e epistemológicos entre pedagogia e sociologia

Antonio Paulo Valim Vega

A carta pedagógica da aula do dia 17.10.2022, continha um endereçamento afetivo e acolhedor envolvendo todos na definição de “gente querida” e, além disso, o texto delicado e envolvente, desde a escolha da fonte até o conteúdo, em tudo, evidenciava, um convite ao deleite da pesquisa, ao silêncio produtivo, a experimentar, a sentir, a olhar e observar com sensibilidade sociológica, a ouvir e escutar em ressonância, buscando sentidos diversos em profundidade.

A professora Nilda Stecanela nos esperou com a sala de aula num arranjo todo especial, havia um perfume suave e gostoso no ar, literalmente gostoso, o perfume de baunilha que exalava da chaleira em que o chá estava sendo preparado. O colega Francisco, complementou a mesa do chá com lindos e suculentos pêssegos brancos, a Maria de Fátima trouxe uma cuca cheia de crocância em cobertura de nozes, havia ainda outros petiscos na mesa.

Celestín Freinet se fazia presente naquele ambiente, era possível imaginar a semente de suas aulas originais germinando na composição do cotidiano na sala de aula, capaz de transportar o aluno às formas sutis de ensino e aprendizagem, prazerosa e desejada.

O movimento pedagógico de Celestín Freinet insinuava-se em cada detalhe da aula, um diálogo estreito e plenamente coerente com os sociólogos e pesquisadores do cotidiano como José Machado Pais, Nilda Stecanela, George Simmel, Michel de Certeau e outros que se utilizam de métodos como a aula-passeio, a carta de aula, o diário de campo, depositando à escrita o papel de registro das impressões do percebido, do vivido, daquilo que o olhar cuidadoso foi capaz de captar e apreender da paisagem, da realidade.

Freinet tinha objetivos pedagógicos em seus métodos e técnicas de observação e escrita, queria que os estudantes atingissem níveis de diálogo, interação e comunhão com a natureza e as coisas do cotidiano, estabelecessem uma interlocução uns com os outros, queria os estudantes no movimento da escuta e da observação plena, aprendessem a ler, a escrever, a contar coisas em qualidade e quantidade, queria que os estudantes aprendessem a olhar longe e perto, escrevessem e recebessem cartas, elaborassem o seu cotidiano em jornais, relatassem e

documentassem a vida, e assim, aprendessem, a forma como as pessoas podem se transformar em seres humanos melhores e como podem contribuir para que seus espaços de vida sejam tão bons para si, como para os outros, queria que eles aprendessem a transformar o presente e preparar o futuro.

Celestín Freinet (1896-1966), foi um educador inovador, sua pedagogia considerava as atividades concretas vivenciadas como técnicas de vida, suas práticas adquiriram significado em relação a sua personalidade revolucionária e libertária. Tomou como base a sua experiência pastoril para enriquecer a sua experiência educadora, precursor e dirigente da educação nova. De acordo com Louis Legrand (2010), a aula passeio foi sua primeira inovação, no sentido de levar os alunos a observar o ambiente natural e humano, a partir dessas observações, recolher informações a serem compartilhadas oralmente bem como, a “criação de textos, que serão corrigidos, enriquecidos e constituirão a base para a aprendizagem das habilidades básicas tradicionais, necessárias ao aperfeiçoamento da comunicação” (LEGRAND, 2010, p. 15).

José Machado Pais, é um pesquisador contemporâneo da sociologia do cotidiano, Português, integrante do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e ISCTE. Tem vasta produção sobre o tema, faz relações e se

utiliza de recursos linguísticos bastante diversificados em analogias, metáforas, associações e diálogos com referências e pensamentos distintos, mas de coerência extraordinária.

Na prática artesanal da pesquisa Pais (2013) alerta que é indispensável contar com uma sensibilidade sociológica atenta às experiências da vida cotidiana, nesse sentido a sociologia de Pais e a pedagogia de Freinet dialogam em sintonia com uma abordagem etnográfica em educação.

Olhar o social através do cotidiano é uma forma de buscar perceber o *porquê* de *como* a vida acontece (Pais, 2013), a recriação da vida cotidiana em relação com o artesanal se insere como uma metáfora que o autor utiliza para nomear o escrito sobre as experiências diversas que se revelam e são produzidas a partir do cotidiano, do olhar cingido da sensibilidade sociológica. Nessa perspectiva, passam a compor um mosaico, uma tessitura que os registros encontrados na experiência e na observação permitem. Afirma o autor, “O cotidiano é fonte de revelação do social” (PAIS, 2013, p.111).

Fomos incitados pelo amável convite da professora Nilda Stecanela a sair da aula e andar pelo campus, um sentido de aula-passeio que me remete às técnicas de Freinet, bem como a sociologia do cotidiano e a prática artesanal da pesquisa de Pais. A professora escreveu na carta

de aula com a qual nos recepcionou naquela segunda-feira à noite: - “Abram seus canais de observação e registre as imagens ou sons que transversalizam seu olhar e sua escuta, bem como seus sentimentos em relação ao observado” (STECANELA, 2022).



Imagem: Adroaldo de Souza Pinto / Acervo

Saí da aula na tentativa de seguir as instruções, caminhei em passeio, desci a escadaria ampla e vazada do terceiro andar do bloco E, atravessei lentamente o saguão do pavilhão em direção a larga e ampla porta colocada em sentido diagonal, mas, à frete da escadaria. Dirigia-me pelo caminho que conduz ao centro cívico. Parei e observei, há ali um lago artificial que se transforma numa queda d’água em três níveis, formando espelhos aquosos e translúcidos em movimento contínuo, que chegam até a calçada, onde a represa termina num beiral à margem da

rua em frente a rotatória em que se encontram três acessos de chegada e saída à Universidade.

Há também, na plataforma, alguns bancos que margeiam o lago, sentei-me, escutei atentamente, fiquei por alguns instantes ouvindo a mistura de sons da natureza, da água e do vento em que tremulavam em sincronia 10 bandeiras, suas cordas tilintavam ao bater no mastro de ferro, produzindo uma sinfonia pelo tilintar das cordas, tremular das bandeiras e escorrer das águas em queda, era como se o vento estivesse a brincar com panos, cordas e água.

Prossegui em passeio noturno pelo campus, a iluminação elétrica por meio de postes altos, em arranjo e estrutura circundando a plataforma do centro cívico, indicavam a organização e disposição de uma iluminação planejada adequadamente, conferindo luz e segurança ao lugar. Minha aventura, ficou naquele entorno, entre o centro de convivência, centro cívico, prédio E, F e Teatro UCS. Circulei por entre um espaço reduzido, daquilo que representa e oferece o campus da Universidade.

E dessa forma, fui descortinando a paisagem, havia uma lua fina de pouca luz, um ornamento no céu escuro sob postes de iluminação, a lua de quarto minguante, como um fio em meio arco, dourava o ar noturno, em seus movimentos silenciosos e lentos, revolução, rotação e translação, imperceptíveis à minha lente de

observador, eu apenas, era capaz de compreender esses fenômenos, mas, sem ferramentas que me auxiliassem a percebê-los. Olhei-a fixamente, a lua sempre me pareceu encantadora, em qualquer fase, e sempre, olhei para ela com suspeita de magia. Pobre lua, quer apenas brilhar um pouco e desaparecer quando nova, reaparecer bem devagar no quarto crescente, se pôr em cheia e de novo minguar, em ciclos e movimentos distintos, perpétuos e recursivos. Ah, como é linda a lua! - dizem os casais apaixonados, pensando a lua estar ali somente para eles. São as magias da lua.

Ainda mirando a lua, me dirigi ao Teatro da UCS descendo pela escadaria que leva ao palco do centro de convivência, por ali segui circundando pela direita a encosta da parede das lojas que orientam e conduzem o caminho ao teatro, deixando a direita o estacionamento. Cheguei ali, atraído especialmente pela coloração rosa a iluminar toda a fachada do prédio, um rosa convidativo, olhei a cor quente, sentido o vento friozinho, digo friozinho porque não era um vento forte, era até delicado, talvez por obra de algum anjo fugidio que resolveu deixar tudo tão mágico, delicado e perfumado. Não me demorei por ali, apreciei a coloração daquela iluminação, festiva, quente, aconchegante contrastando com o friozinho e vento amenos.

Pais (2003), fala do olhar impressionista que a sociologia da vida cotidiana quer captar, um olhar amplo e ao mesmo tempo ingênuo, tentando captar as coisas como elas aparentam, mas numa fase posterior a naturalidade das aparências podem transformar-se, me foi possível experimentar aquilo que o autor sabiamente antecipa em seus escritos, “(...) a sociologia da vida cotidiana vê-se na contingência de recuperar saberes e linguagens comuns (...) para (re)construir o terreno da sua própria discursividade” (PAIS, 2003, p.52).

E, somente agora ao revisitar a escrita e reescrever sobre o observado, o vivido é que me foi possível captar o sentido explícito do rosa, a mensagem cifrada e severa que carrega o “outubro rosa”, então, nesse instante, o que era magia, colorido, quente e festivo, torna-se subitamente, um lugar de reverência e saudade, lugar de lembrança, de amor profundo e eterno e de esperança, que todas as mulheres no mundo, estejam protegidas em seu corpo todo, pela magia do rosa, do amor e da vida.

Ao retornar, do teatro, no lado oposto ao lago e as quedas d’água, nos degraus em frente ao palco do centro de convivência encontrei três jovens, eu já os conhecia Pedro, Roberto e Clara que tem os cabelos vermelhos, quebrei o silêncio daquele exercício, não pude ignorá-los, interagimos, reapresentamo-nos, dialogamos

rapidamente, como num *flash*, trocamos algumas informações sobre a vida e atualidade. Ao escrever este relato, impressiona-me, o quanto e como em curtíssimo espaço de tempo pode ser possível receber e compartilhar informação e também, conhecimento.

Reafirmando a inspiração de Freinet nesta noite, “A verdade” - um jornal dos trabalhadores, me foi ofertado pelos jovens. É um enigma, sincronia, coincidência? Não há necessidade de questionar e buscar uma explicação para um *media* centenário como o jornal circulando dentro de uma universidade, é um recurso de informação, tem sua apropriação educacional e uso pedagógico relevante, serve para informar, descrever, relatar, divulgar e conectar pessoas em torno de assuntos e temas que merecem ser conhecidos e debatidos na sociedade, a eficiência pedagógica deste *media* adquire sentido como meio de comunicação social e educacional, especialmente, por sua característica libertária e democrática. Felizmente, muitos educadores apropriam-se desta técnica para o ensino em sala de aula, a exemplo de Freinet e outros, certamente, mas também, por acreditarem em seu potencial pedagógico para o desenvolvimento da cidadania.

O encontro com esses jovens me faz retornar ao texto da professora Nilda Stecanela “O cotidiano como fonte de pesquisa” em que a

pesquisadora relata seus estudos com o cotidiano de jovens, e antecipa, “as aprendizagens não escolares ocorrem nos processos de socialização (...) através das estratégias de que fazem uso para se reinventarem, por meio das culturas juvenis, em contextos de intensa pressão do cotidiano” (STECANELA, 2009, p. 70). É bem provável que os jovens estivessem ali sob o friozinho da noite em momento de decompressão da rotina do dia-a-dia e aliviando a intensa pressão do cotidiano.

Ao mesmo tempo, também fui arremessado para aquilo que Mario Osório Marques escreveu sobre a interlocução para falar justamente da escrita, em que não se está só, embora a escrita seja um ato solitário, silencioso há os possíveis leitores reais e imaginários, os amigos, os autores que vão se inserindo no diálogo e o próprio escrevente consigo mesmo. “Importa o fato de que, ao escrever, estou sob a mirada de muitas leituras. Acho-me numa interlocução de muitas vozes que me agitam, conduzem, animam, perturbam” (MARQUES, 2000, p.26).

Os três jovens ali sentados conversavam animadamente, mas também estavam abertos para o inusitado, como o encontro inesperado com um interagente, uma interlocução a reanimar um breve encontro de passado próximo em sala de aula, quando pediam espaço para informar outros jovens sobre atos de manifestação

acadêmica. A sociologia da vida cotidiana é também uma abordagem de natureza etnográfica, agrega estratégias de observação e de descrição evidenciada na narração, prevê encharcamento da realidade, implica aproximação e distanciamento (STECANELA, 2009; PAIS, 2006).

Imbuído dessa proposta não foi possível evitar ou ignorar os jovens, e o surpreendente e enigmático dessa situação é que ali havia um espaço profícuo de aprendizagem, nossas reações anunciaram isso, tomaram sentido nos saberes e fazeres de cada um.

Havia de considerar que dispúnhamos para este exercício, um tempo, circunscrito num método e isso representava um limite para o exercício da técnica, este foi o único critério. Haveríamos de voltar a sala de aula com algum encharcamento, na mente, no corpo e na alma, algo capaz de reverberar em escrita sobre o vivido, o observado. Talvez o eco de uma escuta experimentada, num tempo, do ensaio, da aprendizagem de como se faz para adquirir a capacidade de *flâneur*, de passeante ocioso, “daquele que se passeia por entre a multidão, misturando-se nela, vagueando ao acaso, sem destino aparente, no fluxo e refluxo das massas de gente e acontecimentos” (PAIS, 2003, p. 51).

Retornei à sala de aula, os sentidos aguçados no exercício, acentuavam as percepções visuais, olfativas, cognitivas, acentuavam-se as

cores, sensibilizei-me com perfumes e sabores,
a mente produziu a escrita contida, fluida e
aberta à revisão e reescrita do observado, do
vivido.

A aventura da descoberta ao caminhar pela Universidade

Daiana Agostini Salvador

Caminhar, perceber, viver e estar presente ao cotidiano que nos é presenteado exige mais do que um simplório olhar ao que há ou aquilo que somos acostumados a notar. Mesmo quando a rotina é a simples sequência de horas ou mudanças solares é preciso existir a aprendizagem sensível e oportuna ao que vivemos no cotidiano. Os indivíduos e suas vivências são o tecido onde são costuradas as memórias, as escolhas, as frustrações, decisões e aprendizagens coloridas ou muitas vezes, pretas e cinzas, importantes e únicas.

Percorrer pelas calçadas, na universidade onde estou estudando, o seminário da Educação no Cotidiano é, a cada semana, um palco de novas percepções e descobertas. Conforme Pais (2013, p. 109) a experiência é a base fundamental do conhecimento cotidiano e este percurso que faço há um mês oportunizou florescer em mim uma curiosidade divertida ou, conforme Freire (1997, p. 97-98), uma curiosidade espontânea.

Buscar novos olhares e novas percepções é certamente uma maneira confiável para me

distanciar “de tudo aquilo de que os homens comuns têm consciência direta e tudo o que tentam fazer e está limitado pelas órbitas privadas em que vivem” (MILLS, p. 9). É uma busca de ser passeante, mas não com um vazio frustrado e tão pouco viver em uma realidade opaca (PAIS, 2003, p. 67). É notar o que há pouco não gerava um brilho no meu olhar ou permitiam o meu olfato e audição aguçados. Neste cotidiano, que se passa todos os dias (PAIS, 1993, p. 108) é que há o que acontece e que é importante para a vida social. É onde assume sentido tudo aquilo que fazemos e onde brotam as energias para todos os eventos, até os mais grandiosos (MELUCCI, 2004, p.13).

Ao buscar descondicionar o meu olhar percebo que há resistência e talvez exista também o medo. Acredito que fui condicionada a procurar o conhecimento apenas a partir de leituras, escrita e a ação de decorar informações pertinentes ao assunto questionado. Ao ler os textos do autor Jose Machado Pais surpreendome ao notar que na sutileza existente no cotidiano há os riscos e ganhos, há a experiência antropológica do olhar. O autor enfatiza que convocando um olhar seletivo e sensibilizado há também a proposta de uma metodologia de questionamento do social que toma como relevante o aparentemente irrelevante (PAIS, 2017, p. 307).

Assim como na caminhada que fiz pela universidade, existe também nas vias de outros espaços a certeza de que é necessário ousar e transitar por novos conhecimentos, mantendo uma importante distância de interpretações já vistas ou confiáveis e porque não já irrefutáveis? Conforme Pais, consiste em aconchegar-se ao calor da intimidade da compreensão, fugindo das arrepiantes e gélidas explicações (1993, p. 110) e acolher-se nas pluralidades e variedades de signos percebidos no cotidiano que se desenrola todos dias.

Ao caminhar pelos espaços da universidade e observar as linhas, formas e estruturas físicas, eu também pude observar os estuantes que são indivíduos sedentos por conhecimento. Inicialmente, era esta afirmação que rodeava meus pensamentos: de que ali havia apenas pessoas que buscam conhecimento e que para isto estariam vivendo suas rotinas com trajetória, chegada, vivência nas salas de aula, conversas com os professores, leitura, questionamentos, esclarecimentos e por fim, momentos para retornar aos seus domicílios. Porém, ao observar não apenas o espaço arquitetônico da universidade (e mesmo que isto saltasse aos meus olhos: amo linhas, formas, cores e as infinitas opções de organizar e criar com estas estruturas) as pessoas também chamam a minha atenção, me convidam a construir ideias e certas conclusões,

mesmo que muitas vezes sejam errôneas e premissas.

Enfim, um enigma. E como resolver este questionamento sobre que pessoas haviam no espaço na universidade, enquanto eu caminhava e as observam? Conforme Pais (2003, p. 63) como se lida com os enigmas? Em primeiro lugar, há que nos deixarmos intrigar pela sua tonalidade escura, sem prescindir do que se vê superficialmente. Era noite e havia, mesmo que com as luzes ligadas, uma certa tonalidade escura nos meus pensamentos. Quem são estas pessoas e mais objetivamente, o que fazem estes caminhantes e para onde vão? Estão sempre por aqui ou apenas estaríamos dividindo uma coincidência única e eles nunca mais transitariam por este espaço universitário? Há ironia neste questionamento, porém há também evidência incompletas e hipóteses. E pelo fato de eu estar em espaço organizado para a educação de homens e mulheres, lembro da afirmação do autor Pais, que os enigmas são verdadeiros estimulantes de conjecturas (2003, p. 68). Muito mais do que um caminho para conquistar futuramente seus diplomas e posteriormente, bons empregos e salários mais altos, a busca pelo conhecimento é fundamental para o desenvolvimento de todo o ser humano. O valor da educação na vida de uma pessoa é notável nos mais diferentes campos: em sua capacidade de se relacionar,

interpretar informações, lidar com suas próprias sentimentos, tomar decisões com senso crítico e, até mesmo, alcançar satisfação pessoal e profissional.

Percebo que é momento de retornar à minha sala de aula e partilhar minhas observações, questionamentos, devaneios ou dúvidas. Retorno com os olhos carregados de surpresas e cores, indagações e poucas certezas. Por fim, percebo que há o dedutível e a sensibilidade, o olhar ingênuo e liberto, conforme Pais a arte do viajante flâneur, na combinação da descoberta com o gosto pela aventura (2003, p. 53).

Percepções do cotidiano sensorial no bloco E, UCS, em Caxias do Sul Um recorte do dia 17 de outubro de 2022, 20h

Francisco Ailton Santos

Ao caminhar pelos jardins e prédios da Universidade de Caxias do Sul percebo que ali é um lugar de passagem para alunos, professores e visitantes; onde cabe, pelo menos, dois olhares: um primeiro olhar dos que passam cotidianamente, com pressa, sempre à procura daquilo que vieram buscar, e um segundo olhar, intencional, atento àquilo que nem sempre está perceptível ou mais visível. Ao observar o que foi descrito para o “primeiro olhar”, nos aproximamos do conceito de flâneur, elegantemente descrito por José Machado Pais, *Vida Cotidiana* (2003), onde ele descreve o termo como “um passeante ocioso”, que vagueia ao acaso. Diferentemente do flâneur contínuo descrito por Pais, ali nem todos vagueiam ao acaso, mas parecem transeuntes pensativos em seus percursos, antes de chegarem aos seus destinos.

Nessa observação eu não sabia exatamente o que seria observado mas fui informado que deveria ter um olhar diferente, lento e

atento. Onde eu deveria deixar de lado o meu olhar de “turista” e apurar o meu lado observador/pesquisador. Sobre os termos “turista e “pesquisador”, Pais descreve as diferenças, onde:

O turista raramente ama o autêntico...É por essa razão que se tem a ideia de que o turista passa e nada vê, ou melhor, só vê as imagens, ou falsas imagens, que transporta na cabeça enquanto turista. Nas suas viagens pela realidade o pesquisador pode também experimentar este papel de turista quando se limita a ver apenas o que os seus quadros teóricos lhe permitem ver (PAIS, 2003, p. 53).

Ao fazer o meu *tour de observador*, me deixei vulnerável ao ambiente para poder perceber as suas linguagens e sinais: visuais, auditivas, olfativas, que estavam presentes naquele momento. Algumas sensações se sobressaíam em meio àquele dia frio e escuro de primavera. As cores, o silêncio, o cheiro, o frio...o frio, nesse caso, o maestro das sensações. Tentando equilibrar os fatores descritos por Pais (2003) entre “factual ao simbólico, o visível ao oculto, o holístico ao singular”, iniciei o meu *tour*:

As cores

Pessoas se cruzam em um ritmo, nem lento nem acelerado, mas há algo em comum entre todas elas, as roupas pretas e escuras. Seria um luto, um código? Ou “eu não tenho tempo para cores”. Os olhares não se conectam, apenas passam uns pelos outros. Pessoas em pares, pessoas solitárias, mas nunca em trios, apenas uma observação do momento.

As cores por sinal, estão ausentes nesse meu caminho: piso, paredes e teto tudo é cinza, de vez em quando um pouco de branco para equilibrar ou para reforçar que este é um território neutro. Há medo em usar a cor ali? Posso parecer deste ou daquele partido ou time? É preciso neutralidade para passar o conhecimento? O conhecimento é frio e cinza para parecer sério?

O silêncio

Há um silêncio medroso e por vezes assustador que é atravessado pelo chicotear do vento que balança as árvores em meio a uma noite que pesa sobre as poucas luzes da paisagem. Há sinais de uma cidade, bem ao lado e vez ou outra o silêncio é interrompido pelo barulho de uma caminhada apressada, sempre com um rumo certo (ou não). O barulho é familiar. Nada de músicas ou quaisquer outros sinais sonoros mais relevantes. As conversas são comedidas,

calmas. O ambiente pede, sendo o silêncio um código que traduz a boa educação em um ambiente educacional. Muitas vezes o silêncio parece não combinar com as personas, aparentemente diversas.

O cheiro

Tento sentir os cheiros ao redor, mas eles não chegam até mim. Não há cheiro ou perfumes perceptíveis no ambiente. O conhecimento também é inodoro? Ou há medo em sobressair-se olfativamente? A comida nas lancherias também parece não ter cheiro, são neutras, ou estão ali já faz algum tempo. Ora, ali é um local de estudo, ninguém vai especificamente para comer. Assim, os cheiros vão ficando para trás em um local onde eles não são a atração principal e, de qualquer forma, poderiam atrapalhar a concentração nos estudos dos que ali estão.

Como um todo, as coisas parecem serem feitas para não incomodar, pensei: tudo é uma repetição contida e previsível, como poucas nuances identitárias, mesmo com tantas identidades por ali passando. O que há por trás de tudo isso? Dessa máscara, cinza, silenciosa e sem cheiro? As cores, o silêncio o cheiro são enigmas desse cotidiano. Enigmas estes também percebidos por Pais (2003, p. 63) onde ele nos diz que os enigmas são estimulantes de conjecturas, esperando serem decifrados.

Pais (2013) nos diz que a “a experiência é a base fundamental do conhecimento cotidiano”. Não seria possível observar esse cotidiano sem estar presente, sem se deixar vulnerável, sem ter uma provocação como guia dessa curiosidade. Através dessa atividade, pude perceber coisas nunca antes vistas e detalhes que me fizeram refletir sobre o ambiente acadêmico e o seu cotidiano sensorial, mesmo que em breve análise.

Nos corredores

Gisele Mazzarollo

Senti um cheiro delicioso que não identifiquei se era o chá que a doce professora traz todas as aulas ou uma essência delicadamente colocada no ambiente. Ao apertar um botão imaginário, fui direto ao túnel do tempo e busquei encontrar a sala de aula em que fiz minha graduação, há vinte anos atrás. A sala de aula não mudou deste o tempo em que estudei nesse bloco, talvez algumas aparelhagens mais modernas. Ao olhar pela janela percebi outras salas do prédio da frente. Todas no padrão, um aluno sentado atrás do outro, sensação que tudo permanecia igual. O cotidiano revela o social, é preciso ter disponibilidade para encontrar (PAIS, 2013, p. 111).

A porta aberta da sala me levou para os corredores do bloco E, corredores esses em que passei pelo menos seis anos na graduação. Caminhar, sem propósito, deixando que os cheiros, as imagens, as sensações se mostrem e se insinuem (PAIS, 2003, p.58). Estive caminhante em um espaço em que as caminhadas já foram programadas, habituais e domesticadas para se tornar um ser caminhante em um espaço-

movimento que há muito para desvelar (PAIS, 2003, p.53; 58).

Gosto muito de observar os quadros de formatura, caminhei apenas pelo corredor do terceiro andar. Desta vez, meu enquadramento foi a figura de fundo dos quadros de formatura. Há ali uma lógica de descobrimento, de revelação. Os quadros de formatura nas paredes rompem com os condicionamentos e me mostram um cotidiano que revela a história do bloco de educação desta universidade (PAIS, 1993, 108; p.111). Os primeiros quadros observados tinham imagens de crianças, pipas...enfim motivos infantis, remetendo à Pedagogia Infantil. Mas, a Pedagogia é só para criança?

Portas batendo, portas batendo...quase como a sintonia das badaladas de um sino, a minha sensação era que as salas são de uma pedagogia antiga, “fecho a minha porta e dou minha aula”. Nesse corredor as portas estão fechadas. A realidade aparenta ser, a rotina por ali estruturada pode provocar rupturas (PAIS, 1993, 109).

O ser que caminha busca a pesquisa viva para explorar algo que está ali para ser desvelado. Já está lá, basta a ousadia de quem vê e deixar-se ver (PAIS, 2003, p. 54). Uma das salas a porta estava aberta (não sei o nome, mas acredito ser a brinquedoteca) fui atraída pelo seu colorido e duas mocinhas organizando materiais. Logo me lembrei da brinquedoteca de quando

realizava a Pedagogia, na UCS, uma sala estreita, com poucos jogos e materiais pedagógicos. Ao adentrar e ver a riqueza de materiais, me lembrei da querida prof^a Odeth que trazia todo seu material para as aulas de didática da matemática. A dona Barata ou Centopeia não lembro mais...lembro sim, dos seus sapatinhos em que usávamos para a construção dos conceitos matemáticos. Como não lembrar da professora que ao meu lado me ensinava matemática básica, bloqueada desde a minha infância.

No vadiar sociológico, no caminhar surgem interrogações do cotidiano, as perguntas são o próprio buscar (PAIS, 1993, p. 113). Dentro da sala vi muitos recursos matemáticos, materiais montessorianos, provas piagetianas, cuisinaire e tantos outros...me deparei pensando que esses materiais são muito antigos e que ainda são tão importantes para a construção de conceitos infantis. Penso... renovar espaços? Não usar mais materiais antigos? Descartamos bebê, banheira e água?

O cotidiano se mostra como uma parcela do social e como rota do conhecimento (PAIS, 1993, p.111). Vi também muitos materiais criados e construídos, acredito que seja pelas alunas. No colorido do material, sonhos traçados, desejos...entre as estantes uma grande lona preta aberta. As mocinhas me disseram que chove dentro daquela sala e que para não

estragar os materiais a usam para proteção. Será essa uma mera representação das escolas espalhadas pelo nosso Brasil? Já na academia elas precisam se deparar com essa realidade, realidade esta que será vivida?

Ao sair da sala continuo com os quadros, os próximos fundos vejo símbolos da Pedagogia. Apenas um deles com a representação das fases da vida do ser humano. A Pedagogia perpassa a nossa vida? O aprender, a educação... As observações do cotidiano que são consideradas relevantes acolhem pensamentos, ideias e dados em que se baseia a reflexão sociológica (PAIS, 2013, p.116).

A sociologia do cotidiano tenta captar as paisagens fugidias, saberes e linguagens comuns, uma reconstrução de sua própria discursividade (PAIS, 2003, p.52). No corredor, com a porta fechada ouço a fala da professora que está na sala: “você terão prova”, “para recuperar a nota da prova serão apenas trabalhos”, “é preciso chegar na média”, “prova com cola e sem cola”... quando a professora ia falar a diferença entre as duas provas citadas, ouvi outras vozes que dispersaram pelo o ar, a expectativa de como seria o desfecho. Eu, como ser caminhante, nesse momento, tive vontade de cartografar, de me debruçar sobre essa cena, para compreender os sujeitos que aí estavam

envolvidos, ouvir suas experiências e sensações diante da fala das avaliações (PAIS, 2003, p. 55).

Dos quadros de formatura... há de se olhar com uma sensibilidade sociológica e que inspire uma reflexão (PAIS, 1993, p. 112). Para mim ficaram as perguntas: quantas permaneceram com os seus sorrisos da formatura ao longo de sua profissão? quantas delas permaneceram na profissão?

Ao chegar ao fim da caminhada, na parede do corredor, uma placa com pedido de silêncio.

Educando o olhar da observação: um vagar nos corredores da Universidade

Isadora Alves Roncarelli

Observar o cotidiano requer sensibilidade, atenção e educação do olhar. Estes são alguns dos ensinamentos de Pais (2015) acerca da pesquisa que entende o cotidiano como alavanca para o conhecimento. Compreender a temporalidade e o espaço da rotina como possibilidades de cenários de construção do conhecimento pressupõe um compromisso ético com a pesquisa, um vagar sociológico do pesquisador e uma prática artesanal da pesquisa.

Na pesquisa do cotidiano a curiosidade espontânea se transforma em curiosidade epistemológica, pois é o olhar do pesquisador, o seu debruçar teórico sobre o objeto, que vai fazer com que esta curiosidade seja transformada e vá se deslocando em direção à construção do conhecimento científico (PAIS, 2013). Portanto, qualquer objeto, ligado às ações humanas, pode ser objeto de pesquisa da sociologia do cotidiano. A observação de uma sala de aula, o cotidiano de uma cozinha hospitalar, o entra e sai de operários em uma fábrica, as escritas espontâneas nas paredes das cidades... Inúmeras são as

possibilidades de exercitar a curiosidade do pesquisador, basta um pouco de imaginação sociológica (MILLS, 1980) atrelada a um vagar sem rumo. Cabe destacar que o vagar sociológico não significa ausência de rigor metodológico ou epistemológico: há um método, há interlocutores empíricos e há compromisso com a ética na pesquisa com o cotidiano. É a esta perspectiva metodológica que me alinho para esta prática de pesquisa.

Instigada pela carta de aula da professora Nilda, no *Seminário Especial Educação e Cotidiano: pressupostos teóricos e metodológicos*, no dia 17 de outubro de 2022, saio da sala de aula munida de um lápis e um bloquinho, que nomeio aqui como Diário de Campo, sem rumo, a fim de observar o que se passa no cotidiano da Universidade.

Um vaguear pelos corredores

Parto, às 19 horas e 40 minutos, da sala 309 do bloco E da Universidade de Caxias do Sul, e caminho em direção ao corredor que leva às salas de aula do curso de Psicologia. O corredor está vazio e bastante silencioso. Paso pela porta e adentro o “bloco da Psicologia”, como é nomeado este lado do bloco E por muitos estudantes. Já percebo um movimento mais intenso de estudantes, apressados entrando nas salas de aula. Desço em direção ao segundo andar. O

movimento é ainda maior. Resolvo me sentar e observar com mais atenção.

Me sento em um banco de paletes de madeira e almofadas vermelhas e azuis. Escuto conversas informais de estudantes caminhando nos corredores em direção às salas de aula. É um passa, passa de gente. Risos. A descarga do banheiro interrompe o ‘silêncio do ambiente’, mas não as conversas. Há cartazes e avisos invisíveis por todos os lados, ninguém os vê.

A sala 220 está agitada. A sala pulsa. Há um burburinho alto de estudantes conversando, e fica mais alto e mais alto. O que se passa lá dentro? – me pergunto enquanto fico curiosa com tanta inquietude. Alguns chegam apressados, parecem aliviados quando percebem o burburinho da sala e mudam a expressão ao entrar, não era isso que esperavam?

Sobe e desce na escada – ‘TEC, TEC, TEC’. O barulho do caminhar é interrompido por um áudio no celular – regresso. A mulher que subia, após escutar o áudio, começa a descer, apressada. ‘TEC, TEC, TEC’, os passos apressados fazem barulho na escada.

Há formandos/formados por todas as paredes – quantos já habitaram este espaço?

19:45 – um ‘corre-corre’ atrasado e ofegante sobe até o 3º andar. Pulando os degraus de 2 em 2. A sala 220 segue animada, muito

burburinho. Às 19:47 alguns estudantes saem e vão até o banheiro.

19:48 – uma mulher, cabelos curtos e grisalhos, uma mochila preta da UCS adentra a sala 220. Aos poucos a conversa para – chegou a professora? - Somente uma voz passa a ecoar de dentro da sala. Sim, chegou a professora, concluo.

Mais passos atrasados na escada. Mais uma vez a descarga interrompe o silêncio que começa a se instalar o ambiente. (Alguns curiosos também me observam ao passar, enquanto faço anotações em meu Diário de Campo). A sala 220 está em silêncio, não há burburinho, não escuto a voz da professora.

19:52 – mudo o ângulo, saio do banco de palets e sento no banco de madeira à esquerda – escuto estudantes conversando enquanto descem a escada. Agora vejo uma faixa amarrada no corrimão da escada, entre o primeiro e o segundo andar, que sacode com o vento que entra pela janela entreaberta: “NA LUTA PELO FIM DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER” – uma porta bate interrompendo minha leitura – volto a olhar para a faixa e me sinto viva, em luta também, acolhida e parece que muitas outras estão ao meu lado enquanto olho para a faixa, ainda que a essa altura eu já esteja sozinha no corredor.

Uma funcionária, toda vestindo preto com somente o crachá azul destacando na roupa, anda pelo corredor e me observa, parece curiosa. Desce as escadas.

19:58 – me levanto para ler os cartazes à esquerda – “DO QUE VOCÊ TEM MEDO?, QUAL SEU PROCONCEITO?, DE QUEM VOCÊ TEM MEDO?” – passo alguns minutos lendo as respostas escritas com diferentes canetas nos cartazes, me percebo nos medos alheios, dou risada sozinha com as interações escritas em cada cartaz. Me pergunto se eu teria coragem de expor meus medos ali. Olho no relógio, já são 20:04.

Há fotos antigas em um painel com o letrreiro “Dia das crianças”, crianças de diferentes épocas, em diferentes situações. Estudantes começam a sair um a um da sala 220 e me observam enquanto eu observo as fotos. Volto a me sentar no banco de madeira.

Percebo que o burburinho na sala 220 antecedia uma avaliação. Alguns estudantes saem da sala e vão embora apressados, outros esperam por colegas. Uma moça sai da sala em direção a um colega que já a esperava sentado, com as pernas para cima, ela diz:

- *Ou estava muito fácil ou eu sou idiota* – o colega ri.

- *Estava fácil* – responde.

Aos poucos outros estudantes começam a sair da sala 220, alguns parecem tranquilos,

outros agitados. Qual era o conteúdo da avaliação? Me pergunto enquanto os observo.

20:14 – me levanto para retornar para a sala 309, meu tempo de observação está terminando. Subo as escadas enquanto escuto ao fundo um grupo de estudantes conversando:

– *São só 13 reais* - diz uma das meninas, os demais silenciam.

Volto em silêncio para a sala tentando organizar tudo que vi, ouvi e senti. Também tento me atentar àquilo que não vi. Observo minhas anotações e registro apressadamente, tudo que consigo.

Reflexões de viajante

A escolha por uma caminhada sem rumo em minhas observações me permitiu exercitar a observação e acabar por enxergar nuances que no dia a dia passam despercebidas. Como afirma Pais (2013, p.113) “na lógica da descoberta vale mais o esboço do que o projeto”, a intenção de vagar sem destino certo, como faz um viajante (PAIS, 2015) permitiu que as surpresas do cotidiano atravessassem o meu caminho. Ao escolher fazer minha parada em frente a uma sala de aula agitada, com um entra e sai de estudantes, revelo minhas curiosidades latentes sobre o fazer pedagógico e as interações nos espaços formativos, seja na escola ou na Universidade. A identidade do pesquisador está

estritamente ligada com a escolha do método: aquela que sou, que me constituo e as experiências que vivo influenciam na escolha de meus objetos de pesquisa, na forma como os observo e analiso, na metodologia que escolho ou desenvolvo (PAIS, 2013). As surpresas que se revelam em meu buscar talvez estejam escondidas também nos meus desejos e nas minhas curiosidades.

Quando observei o burburinho na sala 220 do bloco E tracei algumas hipóteses do que se passava no local: um(a) professor(a) ausente, uma atividade em grupos, uma dinâmica diferenciada. Somente quando os(as) estudantes começaram a sair de dentro da sala é que compreendi que aquele agito antecedia uma avaliação, provavelmente no formato de “prova”, visto os comentários feitos pelos(as) acadêmicos ao sair da sala de aula.

O silenciamento da sala quando a professora adentra o espaço diz muito sobre as relações pedagógicas que ainda são estabelecidas no cotidiano das instituições de ensino. Não significa que esta professora, especificamente, não tenha uma prática dialógica (FREIRE, 2015), significa que ainda há silenciamentos na presença docente, seja por respeito à figura da professora, seja por compreensão, por parte dos(as) estudantes, de que o momento da aula é um momento em que não se fala, apenas se escuta.

A dimensão da avaliação e seus significados também é muito evidenciada na observação que realizei. Talvez o burburinho inicial indicasse a tensão pré prova. Ou os(as) acadêmicos(as) aproveitavam o tempo para revisar coletivamente os conteúdos. Talvez estivessem preocupados com o atraso da professora, ou até mesmo torcendo para que a avaliação fosse cancelada. As hipóteses traçadas, de todo modo, direcionam meu olhar para um fenômeno bastante presente no cotidiano educacional: “o terror das avaliações”. Para muitos(as) estudantes e professores(as) o momento avaliativo ainda é visto como momento de provar. Provar que sabe o conteúdo. Provar que aprendeu. Pouco se discute *com* os(as) estudantes o valor formativo da avaliação (HOFFMANN, 2009). Talvez porque grande parte das avaliações ainda não deem conta deste formato.

De todo modo, minha observação me permitiu diversos questionamentos acerca das aprendizagens que são construídas em uma sala agitada antes da avaliação, ou nos corredores pré e pós prova. As culturas que se estabelecem entre o dentro e o fora da sala de aula, dentro e fora do bloco de estudos, de um lado ou do outro do bloco E da Universidade de Caxias do Sul.

Minha subjetividade e meus desejos investigativos direcionaram meu olhar neste sentido, mas tenho desconfiança – para não dizer

certeza, afinal ainda acho que não temos certeza sobre nada – de que muitas outras questões passaram despercebidas ao meu olhar no tempo em que estive observando o 2º andar do bloco E. Adotar uma prática artesanal de pesquisa, como nos sugere Pais (2015), é também fazer escolhas no caminho e perceber aquilo que nos afeta e que nos impulsiona a seguir pesquisando.

Sigo sendo afetada pelo cotidiano educacional e construindo afetos de pesquisa nos caminhos que percorro. As inspirações teóricas de Pais (2015) me motivam a seguir minha caminhada, viajando pelas surpresas do cotidiano da educação.

Observar para compreender e comunicar

Larissa Aparecida Bonfá Picheti

Ao ser convidada pela professora Nilda a passear e observar o campus e o cotidiano anotando tudo o que percebia e me chamava a atenção, me peguei indo para o espaço entre o bloco E e o bloco H. Iniciei minha trajetória acadêmica, no ensino superior, no curso de História, talvez por isso tenha seguido esse caminho, para esse espaço tão querido por mim. O bloco H me traz muitas memórias afetivas, de acolhimento, aprendizagens (essas acadêmicas e não acadêmicas) e pessoas queridas que há muito tempo não vejo. O bloco H que me lembro sempre foi um local barulhento, mas de um barulho gostoso, acolhedor, principalmente no lugar onde me encontrava naquele momento, o espaço entre os dois blocos H e E. Normalmente se reúnem vários grupinhos para conversar e discutir sobre algum assunto, então esses grupinhos acabam se reunindo e formando um grupo.

Ao observar pela janela, encontrei a sala onde ficava o DA de História, sala essa que sempre estava cheia de vida e de pessoas, mas naquele momento não havia nada disso nela, pelo contrário, ela parecia sem vida sem pessoas

para habitá-la. Pensei em subir e dar uma olhada naquele local onde me reunia com queridos amigos, porém me faltou coragem. Ainda me revoltou ao lembrar que mais um bloco foi retirado da área de conhecimento das Humanidades, afinal, naquele bloco além das licenciaturas era abrigado também o curso de serviço social, porém, devo confessar que, apesar da revolta não há surpresa, afinal, os cursos voltados para a área das humanidades sempre sofreu com cortes e preconceitos.

Tentei me afastar, observar de longe, como espectadora, outras partes do nosso campus, caminhei mais um pouco, até o Centro de Convivência, ali comecei a observar as pessoas ao meu redor, poucas pessoas, afinal estávamos em horário de aula, porém, do lado de fora, sim do lado de fora no frio, havia um grupinho que conversava pareciam estar tão absortos em seu assunto que dava vontade de descobrir sobre o que falavam.

Adentrei o Centro de Convivência e, ali, percebi como é difícil nos distanciarmos de algumas coisas, mesmo que não tenhamos contato ou participação nos acontecimentos. Me sentei em um canto, perto das folhagens, observei que uma menina e seu pai saíam da livraria da UCS, o que mais me chamou atenção foi o fato de não haver nenhuma sacola nas mãos deles,

penso que isso se deva aos preços cobrados que considero exagerados.

Mais alguns momentos se passaram e comecei a observar o pessoal do DCE que se preparava para fechar o local, onde acredito que são realizadas as reuniões, intervenções, projetos, etc. O que me prendeu foi perceber que os mesmos que comandavam o DCE em 2016 quando iniciei minha trajetória na UCS, são os que estão a frente agora também. Me pergunto se isso se deve ao fato de mais ninguém querer se comprometer com a luta pela educação e pela permanência de supervisão pelos estudantes, e novamente me peguei pensando no Bloco H, será que se tivessem mais pessoas engajados em proteger o bloco e a Área das Humanidades ele teria sido transferido para a Área da Saúde!?!

Parei mais uma vez para tentar me distanciar e percebi algo muito recorrente, mas que, raramente, paramos para pensar, lá, na praça de alimentação do Centro de Convivência havia uma senhora, parecia já ter uma idade avançada, porém estava varrendo o chão, e quem acredito ser o dono do estabelecimento onde ela se encontrava a limpar, lhe mostrava onde estava sujo e explicava como ela deveria limpar. A senhora, já de idade, negra, o dono do estabelecimento, de meia idade, branco. Parei para me lembrar se já havia visto essa mesma situação, porém com os papéis invertidos e

lamento em dizer que nunca presenciei tal cena. Acredito que isso se deva a vários fatores, mas os mais importantes são, a falta de equidade, sim equidade, não igualdade, afinal não podemos exigir que duas pessoas que saíram de locais totalmente diferentes tenham o mesmo conhecimento e sendo assim as mesmas oportunidades e claro a diferença de educação. Moramos no Brasil, não podemos ser ingênuos e acreditar que negros e brancos vivem nas mesmas comunidades e bairros, sabemos que é raro encontrar pessoas negras nos considerados bairros ricos onde estão as melhores escolas, tanto públicas quanto particulares. Os caminhos a serem trilhados são muito diferentes e isso fica explícito quando presenciamos tais cenas, que no nosso cotidiano, muitas vezes passa despercebida.

Fiquei ali por mais alguns instantes, e percebi como a UCS é silenciosa fora dos blocos, principalmente em horário de aula. Poucas pessoas circulavam pelos espaços onde passei, mas claro, talvez seja culpa do frio.

Ao final dessa experiência de observação confesso que me senti desconfortável, desconfortável em observar o outro, talvez por sempre ouvir que é feio reparar, feio ficar olhando, mesmo que eu sempre tenha gostado de observar as coisas ao meu redor, os comportamentos diferentes das pessoas (diferentes do meu). Também senti uma espécie de Síndrome do

Impostor, sempre questionando se o exercício estava certo, se eu estava observando o que deveria ser observado, se estava pensando nas coisas que deveriam ser pensadas, acredito eu, que sejam os efeitos das amarras criadas nas escolas, onde há somente uma forma de pensar, observar e realizar as tarefas. Mesmo com desconforto, chego ao final deste texto, entendendo que observar não é apenas para pesquisar, ou relatar em uma tarefa dada por uma professora muito querida e desafiadora, mas essa atividade nos ajuda a compreender o outro, a perceber os espaços ao nosso redor e a nos comunicarmos melhor com o ambiente, com as pessoas e com o mundo.

Olhar, escuta e sentimentos: abrir-se, abrir-me...

Maria de Fátima Fagherazzi Pizzoli

Eis que quando saio do Bloco E sinto o vento gelado a me cutucar o corpo. Já não seria época para tanto frio, em pleno outubro. Quase volto, mas afinal, não sou mulher de me deixar abalar por um vento frio fora de época, ou sou? Sigo caminhando em direção ao centro cívico. Há algo ali que me fascina, não sei se é a arquitetura, com a bandeira do Brasil ao no meio (circundada pelas demais bandeiras, em altura menor, como a fazer reverência para o símbolo nacional), rodeada pelo espelho d'água, se são as árvores do entorno, ou o horizonte que se pode dali vislumbrar. Tenho feito várias fotografias a partir desse centro cívico, que chamo de praça das bandeiras, no dia ou à noite, com frio, chuva ou sol, de onde constantemente paro para contemplar a paisagem.

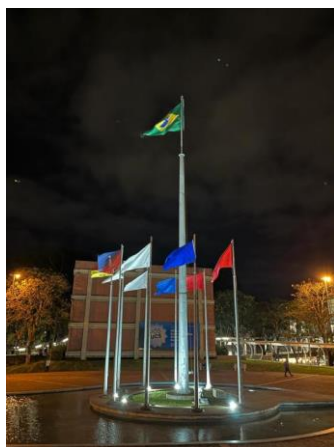


Imagem: Maria de Fátima F. Pizzoli / Acervo pessoal

O vento frio faz tremular as bandeiras, o som dos tecidos ao vento e das hastes de metal que parecem assobiar, como a conversar com as águas do espelho e da cascata, predominam neste horário. Alguns poucos transeuntes passam apressadamente, não há troca de olhares, talvez seja o horário, talvez seja o vento gelado que chega às orelhas depois de perscrutar os ossos desde os pés, talvez seja apenas a pressa de quem sai da aula e quer logo chegar à casa ou de quem se sabe atrasado e quer logo entrar na aula.

Contorno o espelho das bandeiras e vou em direção ao busto dos três fundadores da UCS, ao lado da casa amarela (que já foi mais amarela, aliás) que já abrigou vários espaços, que eu sei

que existiram, mas não conheci. Os bustos estão abrigados debaixo de chorões, ao lado da casa, vigiados por um lindo ipê amarelo.

Predomina o cheiro das castanheiras, que não me agrada, não sei o porquê. As castanheiras sim, as castanhas e seu sabor de infância também, mas o cheiro não. Ao fundo, vozes descontraídas de alguns jovens lembram que este é um lugar de gente, de estudo, de movimento. Movimento que a pandemia roubou e que agora talvez retorne. Volto, está na hora, com o som do tremular das bandeiras em suas hastes e o frio a me congelar as orelhas, deixo para trás o cheiro das castanheiras e as risadas dos estudantes, mas não sem antes registrar essa noite linda e a paisagem do centro cívico.

Entro no Bloco E subo ao terceiro andar. Ao sair do elevador, me detenho um pouco a olhar um quadro de formatura, já que ainda restam alguns minutos até esgotar o tempo definido pela professora para o exercício proposto.

O quadro é do curso de Pedagogia, dezembro de 2007. Há 31 formandas da Educação Infantil, 35 de Séries Iniciais e 19 do Ensino Médio, totalizando 85 formandas. Abaixo das fotografias, a frase de Goethe: “Seja qual for o seu sonho - comece. Ousadia tem genialidade, poder e magia”.

Como será que se desenvolveu a vida dessas mulheres? Será que ainda conseguem sorrir

como no quadro? Será que ousaram, como sugere a frase que escolheram? E por que não há homens entre elas? Será que lhes faltou a ousadia, ou a cultura vigente não permitiu que escolhessem a pedagogia? Será que foi ao menos uma opção considerada ou as amarras culturais os cegou totalmente?

Dentre as autoridades e pessoas homenageadas vários rostos conhecidos, alguns já não estão na instituição, outros já não vivem. Que lembranças evocariam hoje naquelas mulheres pedagogas? Marcaram suas vidas com genialidade, poder e magia, como provoca a frase de Goethe, ou já não habitam as memórias daquelas formandas? 31, 35, 19, 85, números ímpares, como ímpar é cada uma daquelas mulheres do quadro. Por onde andarão? Preservam no dia-a-dia o encantamento e a boniteza da formação que escolheram ou sucumbiram à perversidade que das organizações, mesmo as escolares, pode emergir? Afasto este pensamento: perversidade e pedagogia não combinam na mesma frase, prefiro juntar a ousadia de Goethe e a boniteza de Freire, acredito que é uma boa parceria para findar este exercício nesta noite fria. Está na hora, volto para a sala de aula.



Imagem: Maria de Fátima F. Pizzoli / Acervo pessoal

A observação acima resultou de exercício proposto pela professora Nilda Stecanela, no início do encontro de 17 de outubro de 2022, do Seminário Especial Educação e Cotidiano.

O convite sensível chegou por meio de uma carta gentilmente escrita e de um presente em formato de pequeno caderno de notas, com a proposta de concentração para a escuta do silêncio interno, para o trânsito livre nos espaços do bloco E e arredores, abrindo os canais de observação a imagens e sons, registrando pela escrita, para depois compartilhar com os colegas.

O tempo de observação e de escrita foi limitado, como exige o planejamento de um encontro, mas me permitiu uma experiência muito significativa, uma vez que, como nos

alerta Madalena Freire Weffort, “Não fomos educados para pensar olhando o mundo, a realidade, nós mesmos. Nosso olhar cristalizado produziu em nós paralisia, fatalismo, cegueira” (WEFFORT, 1996, p.10).

Concentrar, silenciar, observar, escutar, olhar para além do vivido, para além do formal e, a partir do experienciado, refletir, com e pelo olhar, aprender com a minha experiência e pelo compartilhamento. Generosidade do compartilhamento genuíno, meu, de cada colega, da professora. Generosidade no olhar, no ouvir, no falar, no calar. Humildade, para falar sem arrogância, para se reconhecer e se expor. Humildade e generosidade de olhares, escutas, falas e silêncios. Novamente me lembro de Weffort (1996, p. 10) quando nos fala que o olhar sensível e pensante, envolve atenção e presença, e que é preciso ouvir os silêncios e os ruídos ao concentrarmos o olhar.

Mas, para que concentrar o olhar? Para que educá-lo? Onde isso poderá me levar? Uma resposta que vislumbro, a partir desse exercício simples, leve, mas que me tocou e foi significativo, é que a educação do meu olhar representa um passo para a compreensão das rotas do cotidiano e sua sociologia, “como se fosse uma sociologia passeante, que se vagueia, descomprometidamente pelos aspectos anódinos da vida social, percorrendo-os sem, contudo, neles

se esgotar, aberta ao que se passa, mesmo ao que se passa quando ‘nada se passa’ (PAIS, 1993, p. 109).

A experiência do exercício me leva a refletir sobre a possibilidade de abrir os canais, abrir e educar o olhar para o cotidiano, abrir-se, abrir-me, para, como destacou Stecanela, ao optar pela sociologia do cotidiano como percurso metodológico de sua pesquisa, “escavar o cotidiano” numa “espécie de arqueologia que tenta desencobrir o que está oculto” (STECANELA, 2009, p. 66).

Cotidiano. Educação e Cotidiano. Pesquisa e Cotidiano. Possibilidades e caminhos a trilhar na construção da tese.

Sigo...

Esquadros

Canção de Adriana Calcanhotto*

Eu ando pelo mundo
Prestando atenção em cores

Que eu não sei o nome
Cores de Almodóvar
Cores de Frida Kahlo
Cores!

Passo pelo escuro
Eu presto muita atenção
No que meu irmão ouve
E como uma segunda pele
Um calo, uma casca
Uma cápsula protetora
Ai, Eu quero chegar antes
Pra sinalizar

O estar de cada coisa
Filtrar seus graus
Eu ando pelo mundo
Divertindo gente
Chorando ao telefone
E vendo doer a fome
Nos meninos que têm fome
Pela janela do quarto
Pela janela do carro
Pela tela, pela janela
Quem é ela? Quem é ela?
Eu vejo tudo enquadrado
Remoto controle

Eu ando pelo mundo
E os automóveis correm
Para quê?
As crianças correm
Para onde?

Transito entre dois lados
De um lado
Eu gosto de opostos
Exponho o meu modo
Me mostro

Eu canto para quem?
Pela janela do quarto
Pela janela do carro
Pela tela, pela janela
Quem é ela? Quem é ela?
Eu vejo tudo enquadrado
Remoto controle
Eu ando pelo mundo
E meus amigos, cadê?
Minha alegria, meu cansaço
Meu amor, cadê você?
Eu acordei
Não tem ninguém ao lado
Pela janela do quarto
Pela janela do carro
Pela tela, pela janela
Quem é ela? Quem é ela?
Eu vejo tudo enquadrado
Remoto controle

*Apresentada em aula como forma de reflexão sobre a observação do cotidiano

Referências

ANDRÉ, Marli. *Práticas inovadoras na formação de professores*. Campinas, São Paulo: Papirus, 2016.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 44 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 52 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. *Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade*. 28.ed. Porto Alegre: Mediação, 2009.

LEGRAND, L. *Celestín Freinet*. (Org. e tradução) José Gabriel Parissé. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massagana, 2010.

MARQUES, M. O. *Escrever é preciso: o princípio da pesquisa*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2000.

MILLS, Wright C. *A imaginação sociológica*. Zahar editores: Rio de Janeiro, 1980.

MORÉS, Andréia. *Ensinar e aprender na universidade: inovações pedagógicas, científicas e tecnológicas*. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2023.

PAIS, José Machado. A descoberta dos enigmas do cotidiano. In: PAIS, *Vida cotidiana: enigmas e revelações*. São Paulo: Cortez, 2003. pp. 51-70.

PAIS, José Machado. *Nas rotas do cotidiano*. Revista Crítica de Ciências Sociais. January, 1993. pp. 105-115.

PAIS, José Machado (2013). O cotidiano e a prática artesanal de pesquisa. *Revista Brasileira de Sociologia*, Sociedade Brasileira de Sociologia, vol. 01, Janeiro-Julho de 2013, pp. 107-128. Disponível em: <http://www.sbsociologia.com.br/rbsociologia/index.php/rbs/article/view/24> Acesso em: 12 de janeiro de 2023.

PAIS, José Machado. *Sociologia da Vida Quotidiana: teorias, métodos e estudos de caso*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2015.

PAIS, José Machado. *Vida Cotidiana: enigmas e revelações*. São Paulo: Cortez, 2003.

STECANELA, Nilda. *Carta de aula*. Caxias do Sul, 17/10/2022. Programa de Pós-graduação em Educação, Seminário Especial Educação e cotidiano: pressupostos teóricos e metodológicos, UCS, RS: 2022.

STECANELA, Nilda. O cotidiano como fonte de pesquisa nas Ciências Sociais. *Conjectura: filosofia e educação* (UCS), v. 14, p. 63-75, 2009.

Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/43768718_O_cotidiano_como_fonte_de_pesquisa_nas_ciencias_sociais/link/5aca1205a6fdcc8bfc843a4e/download Acesso em 12 de janeiro de 2023.

WEFFORT, Madalena Freire. Educando o olhar da observação. In: WEFFORT, Madalena Freire et al.. *Observação, registro, reflexão: instrumentos metodológicos I*. São Paulo: Espaço Pedagógico, p. 10-37, 1996.

Organizadoras

Nilda Stecanela – Doutora e mestre em educação pela UFRGS com pós-doutorado no Instituto de Educação da Universidade de Londres. Docente do corpo permanente no Programa de Pós-Graduação em Educação e coordenadora do Observatório de Educação da Universidade de Caxias do Sul. Pesquisadora em produtividade do CNPq.

Email: nildastecanela@gmail.com

Isadora Alves Roncarelli – Doutoranda e mestre em educação pela Universidade de Caxias do Sul (UCS), licenciada em Pedagogia pela mesma instituição. Membro do Observatório de Educação da UCS na linha de pesquisa Docência, Currículo e Formação Docente. Professora da Rede Municipal de Ensino de Caxias do Sul e do curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro Universitário Uniftec.

Email: isadoraroncarelli@hotmail.com

Autores(as)

Andréia Morés – Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora no Programa de Pós-Graduação da Universidade de Caxias do Sul/RS.

E-mail: anmores@ucs.br

Antonio Paulo Valim Vega – Graduado em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Especialização em Formação para a EAD pela Universidade de Caxias do Sul, Mestre em Ensino de Humanidades e Linguagens pela Universidade Franciscana (UFN) Santa Maria/RS. Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul (UCS/RS).

E-mail: apvvega@ucs.br

Daiana Agostini Salvador – Graduada em Licenciatura Plena em Artes Visuais pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Atua como professora na rede municipal de ensino da cidade de Caxias do Sul, na escola Giuseppe Garibaldi.

E-mail: daiana.asalvador@gmail.com

Francisco Ailton dos Santos – Graduado em Design de Interiores, especialista em Design Estratégico e Inovação e Mestre em História. É designer e professor do Centro Universitário Uniftec, nas áreas de design, cultura, empreendedorismo e inovação. Seu trabalho se enfoca especificamente no ensino da temática indígena nas escolas e os Kaingang do Rio Grande do Sul, seus símbolos e interfaces de comunicação.

Email: franciscoailton@outlook.com

Gisele Mazzarollo – Graduada em Pedagogia pela Universidade de Caxias do Sul (UCS), mestre em Teologia pela Escola Superior de Teologia (EST), doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Assessora pedagógica do Centro Universitário Uniftec.

E-mail: gisele.mazzarollo@gmail.com

Isadora Alves Roncarelli – Doutoranda e mestra em educação pela Universidade de Caxias do Sul (UCS), licenciada em Pedagogia pela mesma instituição. Membro do Observatório de Educação da UCS na linha de pesquisa Docência, Currículo e Formação Docente. Professora da Rede Municipal de Ensino de Caxias do Sul e do curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro Universitário Uniftec.

E-mail: isadoraroncarelli@hotmail.com

Larissa Aparecida Bonfá Picheti – Licenciada em Pedagogia pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Professora na rede privada de Educação Infantil na cidade de Antônio Prado/RS.

E-mail: lari.picheti1234@gmail.com

Maria de Fátima Fagherazzi Pizzoli – possui graduação em Administração (UCS); Especializações em Administração em Marketing (UCS), Dinâmica dos grupos (SBDG/FATO) Docência em Ensino Técnico (SENAC-SP) e Práticas Assertivas para o PROEJA (IFRN); Mestrado em Administração (UFRGS). É docente no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) contemplada com fomento para

afastamento para qualificação; e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul (PPGEDU/UCS). Integra o grupo de pesquisa Educação Profissional e Humanidades do IFRS.
E-mail: maria.pizzoli@caxias.ifrs.edu.br

“A carta pedagógica da aula do dia 17.10.2022, continha um endereçamento afetivo e acolhedor envolvendo todos na definição de “gente querida” e, além disso, o texto delicado e envolvente, desde a escolha da fonte até o conteúdo, em tudo, evidenciava, um convite ao deleite da pesquisa, ao silêncio produtivo, a experimentar, a sentir, a olhar e observar com sensibilidade sociológica, a ouvir e escutar em ressonância, buscando sentidos diversos em profundidade.”

(Antonio Paulo Valim Vega)